
O ENSINO DA GEOGRAFIA NA ESCOLA TÉCNICA DE 2º GRAU*

Jandira Maria Cecchet Spalding**

RESUMO: *O presente artigo trata do papel do ensino da Geografia na escola técnica de 2º grau, com destaque à formação do cidadão. Tece considerações sobre o processo renovador que tem ocorrido na Geografia nas últimas décadas e o descompasso entre o avanço da ciência e sua ressonância no ensino de 1º e 2º graus. Nesse contexto, aborda a questão da existência e uso de livros-textos de geografia de concepção metodológica renovadora e defende a necessidade de que a prática docente seja respaldada por uma consistente postura teórico-metodológica. Apresenta duas perspectivas orientadoras do papel da Geografia no currículo da escola técnica de 2º grau: 1ª) contribuir para a formação do "aluno cidadão" o qual, egresso da escola técnica, será o "cidadão-técnico", que além da competência profissional apresentará condições de participar ativamente da vida social e política na sua comunidade; 2ª) contribuir para o bom nível do ensino na área específica da habilitação, através da seleção de conteúdos na direção do respectivo curso, bem como do uso de procedimentos docentes favoráveis, tais como o trabalho de campo e atividades interdisciplinares.*

INTRODUÇÃO

No contexto brasileiro, falar sobre ensino da Geografia para professores que trabalham em escolas técnicas é especial. Isso porque as escolas técnicas têm características particulares que as distinguem das demais escolas de 2º grau do País.

Enquanto as escolas técnicas de 2º grau têm sua finalidade claramente estabelecida - formar técnicos de nível médio - as demais escolas (caracterizadas pela Lei 7044/82) procuram seu perfil dentro da determinação legal que as desobriga da **qualificação** dos alunos, mas responsabiliza-as pela **preparação** para o trabalho, "... incumbência vaga e genérica" no dizer de FRANCO (1987, p.42).

A complexidade, o volume e a especificidade da problemática referente à indefinição política (que se reflete na legislação) com relação ao ensino do 2º grau não nos permite sua consideração nesta oportunidade; exige dedicação exclusiva e competente. Devemos ter presente, contudo, que ela faz parte da conjuntura do

ensino no País.

Também, sem entrar no debate da questão "acesso à universidade", temos que considerar o fato de que parte do contingente populacional jovem (muitos deles trabalhadores) aspira realizar formação profissional de nível médio. A escola técnica de 2º grau deve constituir uma alternativa para a demanda social capaz de, juntamente com a **qualificação profissional**, proporcionar efetivamente o **desenvolvimento da cidadania**.

A análise dos dois objetivos básicos da escola técnica: **qualificação profissional** (que pode ser enquadrada como função reprodutiva da escola) e **formação do cidadão** (o que implica uma dimensão transformadora da escola) desemboca num paradoxo, objeto de inúmeros debates mais amplos, abrangentes e importantes, que têm sido travados em foros específicos.

Contudo, o que nos interessa agora é o "desenvolvimento da cidadania", justamente porque cremos nele residir o "espaço" especial para a contribuição da Geografia enquanto disciplina

* Trabalho apresentado no I Encontro de Estudos Sociais do Norte e Nordeste das Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais - 21 a 25/5/90 - Aracajú, SE.

** Professora do Departamento de Geociências da Universidade de Passo Fundo, RS.

do bloco da Educação Geral, e sobre cujo papel e importância pretendemos levantar questões e propor alternativas.

O compromisso da escola técnica de formar o cidadão vai dar significado à formação do técnico, porque inclui o debate mais amplo e genérico sobre o modelo sócio-político-econômico que rege a sociedade à qual o cidadão técnico vai integrar-se e contribuir com o seu saber através da sua atuação, colaborar para que ocorram mudanças na organização social.

Evidentemente, todos sabemos não ser possível à educação (à escola) sozinha gerar transformações na sociedade; contudo, cremos "que a escola contribui para a realização de mudanças, quando está comprometida com a difusão de conteúdos que desvelam o caráter real e histórico das contradições sociais (...) e com a elaboração de uma proposta educacional democrática onde o aluno participe e possa, assim, perceber a dimensão mobilizadora da organização participativa" (FRANCO, op. cit., p. 55).

A GEOGRAFIA QUE TEMOS

Antes de entrarmos nas considerações sobre o papel da disciplina Geografia no currículo da escola técnica de 2º grau, há necessidade de que se faça uma reflexão sobre a ciência Geografia.

Pelo fato de, nas últimas décadas, a Geografia brasileira ter vivenciado intensos (e salutaros) movimentos de renovação, os quais podem ser sintetizados (simplistamente) nas tendências da "Nova Geografia" e, mais proxima-mente, pela denominada "Geografia Crítica", é necessário que se considere sua relação com o ensino da Geografia tanto no 1º quanto no 2º graus.

As transformações decorrentes dos esforços de renovação não tiveram ressonância concomitante no ensino de Geografia nas escolas. Especialmente porque o debate das questões teóricas e metodológicas, que tem caracterizado os

movimentos renovadores do pensamento geográfico, ficou restrito, por largo tempo, apenas a alguns segmentos da comunidade geográfica dos quais, infelizmente, ficou excluído expressivo número de professores que ensinam Geografia no 1º e 2º graus.

Assim, constata-se a existência de um hiato entre a Geografia produzida nas Universidades e Institutos de Geografia Aplicada, veiculada através de congressos, encontros, livros, artigos... e a Geografia ensinada nas escolas.

Temos, portanto, uma "Geografia dos professores" (conforme LACOSTE, 1974) que, não afetada pelo debate renovador, continua desenvolvendo seu ensino com base em currículo e livros didáticos orientado pelo paradigma tradicional.

Todos nós que militamos no ensino da Geografia temos a consciência, mais ou menos clara, de que a Geografia ensinada não está preenchendo satisfatoriamente as necessidades dos alunos e, em decorrência, o nosso nível de satisfação profissional também deixa a desejar.

O estudo (AYMY e outros, 1989) realizado por um grupo de professores da Escola Agrícola Federal - EAF de Concórdia, SC, obteve um resultado preocupante com relação à importância da área de Estudos Sociais na preparação profissional dos seus egressos. A resposta à pergunta sobre as disciplinas (exceto aquelas da área técnica) que auxiliaram o técnico no desempenho profissional obteve o índice de 0% (zero) na referida área. E, entre as disciplinas que menos contribuíram, o resultado registrou os seguintes índices de rejeição: 20% Geografia, 18% História, 18% EMOCI e 7% OSPB, sendo que 54% dos entrevistados apontaram a área de Estudos Sociais como a que menos contribuiu no desempenho da sua profissão - habilitação em suinocultura - (AYMY, op. cit. p.57).

Certamente os resultados do estudo com egressos de uma escola do sul do País poderiam

ser generalizados, com algumas variações para outras regiões e habilitações.

A reflexão sobre o baixo “desempenho” da nossa área nos remete, quase automaticamente, à procura das causas de tal situação. Acreditamos que as mesmas possam ser classificadas em dois níveis, que se interpenetram:

a) numa escala mais ampla e abrangente, correspondente à conjuntura na qual todo o ensino brasileiro está mergulhado, encontramos ausência ou falta de continuidade de programas e projetos educacionais (incluindo a quase total falta de apoio a pesquisas); péssimas condições de trabalho (desde o espaço físico, equipamento, acervo bibliográfico, até os recursos humanos); baixos salários; inexistência de estímulo e oportunidade de reciclagem para o corpo docente (e pessoal técnico-administrativo).

b) especialmente com relação aos professores de Geografia, temos as dificuldades enfrentadas por grande parte dos mesmos com relação à assimilação da renovação da disciplina, a qual implica idéias e propostas novas para um contingente que, durante décadas, esteve afastado dos debates teórico-metodológicos da sua disciplina, limitando-se a reproduzir o discurso geográfico tradicional. Discurso este que fez parte da sua formação e presente na quase exclusiva maioria dos livros didáticos.

Fator importante para que se progrida em direção a uma visão mais moderna da geografia e decisivo na difusão e adoção de padrões de ensino mais avançados é a **informação**. E a década dos 80 foi pródiga nesse aspecto. Registra-se, nesses últimos anos, uma efervescência na comunidade geográfica nacional, concretizada nos encontros, congressos... realizados nas mais variadas escalas, em todo o País, e cujos temários abrem espaço para apresentações, debates e discussões sobre as novas tendências do pensamento geográfico. Simultaneamente ocorre um au-

mento considerável nas publicações centralizadas na questão teórico-metodológica, incluindo periódicos especializados, coletâneas de textos críticos, além dos anais dos diversos eventos.

Houve, portanto, um importante aumento das fontes de informação na década que se encerra. Contudo, não se pode afirmar que tenha ocorrido, no mesmo nível de intensidade, o acesso à informação, bem como a efetiva participação nos debates sobre a renovação da Geografia, por parte dos professores de 1º e 2º graus.

Cabe agora uma referência (pela posição que ocupam na rotina didática do professor de geografia de 1º e 2º graus) à existência de livros didáticos de Geografia que apresentam propostas renovadoras, capazes de auxiliar o professor que se propõe desenvolver um ensino inovador.

Atualmente, pela importância, seriedade e competência no avanço da abordagem metodológica, destacamos apenas quatro fontes de produção geográfica para o ensino (1º e 2º graus), as quais são constituídas pelas obras dos seguintes autores nacionais (por ordem de aparecimento no mercado): Melhem Adas*; José William Vesentini; Diamantino Santos, Douglas Pereira e Marcos Carvalho; e, mais recentemente, Carlos Walter Porto Gonçalves e Jorge Luiz Barbosa. Os manuais para 1º grau (ADAS; GONÇALVES e BARBOSA) e para o 2º grau (ADAS; CARVALHO, PEREIRA e SANTOS; VESENTINI) representam, apesar de diferenciados entre si, fontes alternativas para subsidiar experiências renovadoras no ensino da Geografia. Especialmente na tentativa de resolver a dicotomia (herança secular...) geo-física X geo-humana ou, mais modernamente, natureza X sociedade, bem como no encaminhamento da análise crítica sobre a forma como as sociedades produzem o espaço.

Contudo, a simples adoção de um livro-texto de concepção crítica não garante o sucesso

* Pioneiro, cujas primeiras obras, já na década de 70, apresentam características de avanço, de transição entre a abordagem tradicional e a renovada.

ao professor. É desejável e necessária a incorporação de uma postura teórico-metodológica que dê consistência e coerência à sua prática docente. É importante lembrar que a prática do professor de Geografia (assim como a das demais disciplinas do currículo) implica duas dimensões: a geográfica, envolvendo toda a problemática enfocada até então, e a pedagógica, que também tem evoluído e se renovado e de cujo debate todo professor deve participar.

Mas, como fazer para que os professores que desejam reorientar a direção do seu ensino no sentido de encaminhá-lo para uma renovação, tenham sua prática docente respaldada pelo conhecimento e compreensão dos correspondentes teóricos e metodológicos?

São inúmeras as formas de preencher essa necessidade: grupos de estudo, pequenos cursos, palestras, leituras, círculos de debates, seminários, encontros, produção e circulação de textos... Elas podem ser ativadas mediante a articulação das escolas com as Universidades e órgãos coordenadores dos sistemas de ensino; o essencial é a consciência das necessidades por parte dos professores. É ela que orientará as ações do grupo em busca da sua satisfação. A dimensão coletiva, para esse propósito, é considerada fator de sucesso, especialmente porque assegura uma salutar pluralidade na perspectiva com que são encarados tanto problemas e dúvidas quanto alternativas de solução.

Tendo-se presente a situação que caracteriza a disciplina Geografia em nossos dias, pode-se dizer que sua renovação constitui uma espécie de desafio estimulante para todos nós que lidamos com o seu ensino, porque permitirá que, em nossas aulas, o espaço geográfico seja compreendido como espaço social. Vivo, palpante, cuja construção é permeada de lutas sociais e conflitos. Onde a natureza*, fonte de todos os recursos e, portanto, de vida, é apropriada pelos homens através do trabalho, cujas

implicações históricas, políticas e econômicas têm lugar importante na explicação geográfica. Assim, a Geografia cumpre seu objetivo maior, qual seja o de compreender o espaço através do conhecimento do processo de formação realizado pela sociedade - indo além do estudo/conhecimento do espaço aparente e buscando reconstituir o processo de formação desse espaço, torna-se um excelente instrumento de interpretação da realidade.

No atual contexto de renovação da disciplina e também do seu ensino, seria imperdoável não fazer referência especial àqueles professores de Geografia que, sem disporem de um conhecimento formalizado da denominada "Geografia Crítica", já desenvolvem com seus alunos experiências encaminhadas para uma perspectiva renovadora. Para eles, o essencial já está posto: estão receptivos à inovação. Basta sistematizar os procedimentos, confirmar seu acerto, redirecionar, se for o caso, buscar a fundamentação teórica e avançar, cada vez mais.

O PAPEL DA GEOGRAFIA NO CURRÍCULO

A partir das reflexões feitas até então, podem-se propor duas perspectivas básicas as quais, supõe-se, podem orientar o papel da Geografia no currículo de uma escola técnica de 2º grau. Ambas se completam e devem ser trabalhadas concomitantemente.

A primeira atribui ao ensino da Geografia o compromisso de situar no mundo o "aluno-cidadão" - cuja condição de egresso implicará o "cidadão-técnico" com habilitação profissional específica. Isto será feito mediante análise e estabelecimento de relações entre os fatos da realidade a partir da escala local e em outras escalas mais amplas e abrangentes, o que possibilitará ao aluno a percepção dos "encaixes" da sua área de conhecimento no todo.

* Convém lembrar que os homens fazem parte da natureza e que nas relações entre ambos o "domínio da tecnologia" é fundamental no distanciamento dos primeiros com relação à natureza.

Para tanto, é essencial que o ensino da Geografia oportunize o desenvolvimento de uma postura crítica na análise das questões que a própria realidade oferece para estudo. Devemos ter presente que a realidade referida inclui também a escala mais próxima, ou seja, a própria comunidade escolar. Assim, não se admite que a Geografia não participe também dos questionamentos e dos debates que têm envolvido a escola técnica como, por exemplo, aquele que se trava com relação à sua função produtiva*.

Através da inclusão, nos programas de estudo, de temas tais como trabalho, divisão internacional do trabalho, modos de produção, internacionalização, a Geografia, enquanto disciplina do bloco da Educação Geral, terá condições de prestar sua contribuição.

É comum nossos planos de ensino expressarem a intenção de "atender às exigências da realidade" e na prática docente desconsideramos a realidade dos nossos próprios alunos, especialmente se o curso é noturno. A limitação existencial de um aluno-trabalhador que estuda à noite exige um adequado **tratamento pedagógico. O primeiro passo é o conhecimento das condições dos alunos, o que pode ser realizado através de um levantamento de dados***, idealmente complementado por contato pessoal, através de entrevista. O desafio de realizar a adequação do ensino (estrutura e funcionamento) deverá ser enfrentado pelos docentes, alunos e pessoal técnico-administrativo da escola.

A obra da professora Márcia S. Rezende, "A Geografia do aluno trabalhador", apresenta uma metodologia que redimensiona o ensino porque permite que o aluno seja co-autor do saber, na qual o professor não se restringe a ser apenas o repassador de "conhecimentos prontos", mas o mediador entre o saber do aluno

(através das "histórias de vida") e a reflexão, o pensamento que será produzido a partir dos dados da realidade.

Devemos ter presente, ainda, que os alunos que recebemos no 2º grau muitas vezes chegam sem os necessários pré-requisitos, em termos de conceitos e habilidades básicas em Geografia, o que implica reforçar e/ou retomar os aspectos que estão fracos ou não foram trabalhados no 1º grau.

A Geografia contribui (específica, porém não exclusivamente) para a formação do "aluno-cidadão" na medida em que sua proposta pedagógica toma o "universo" do aluno como referencial para estudo. A escala próxima (real, portanto) inclui o espaço geográfico do dia-a-dia do aluno onde casa, trabalho, escola, comunidade oferecem questões para serem trabalhadas de tal maneira que o senso crítico do educando possa ser desenvolvido através da análise das mesmas e da proposição de alternativas de solução (estas procurando incluir possibilidade efetivas de participação no processo)****.

Dessa forma, o estudo de Geografia viabilizará concretamente o exercício da cidadania, porque as questões propostas para estudo advêm da realidade próxima, vivida, e fazem parte do universo do aluno-cidadão.

O correto trabalho desenvolvido na escola na perspectiva da formação do "aluno-cidadão" assegurará que o egresso da escola assumirá sua condição de "cidadão-técnico" que, além da competência profissional, contribua com sua participação ativa no que se refere aos direitos/deveres civis, políticos e sociais.

Se a escola, como um todo, desenvolver a perspectiva de formar o "técnico-cidadão" não

* A esse respeito ver o interessante e polêmico estudo por FRANCO E ZIBAS (1988).

** Conforme Constituição Federal, Art. 208, VI.

*** Oportuna sugestão é oferecida no estudo apresentado no 2º CONET (Belo Horizonte, nov. 89) pelo Grupo de Estudo 3: A elitização do ensino técnico federal, do CEFET - MG (DAAE/DAE/SOE), denominado "Ensino Noturno".

**** Concretizando: a análise da questão "problemas ecológicos e tipo de agricultura da comunidade" poderá evoluir da análise crítica dos procedimentos agroquímicos até a execução de uma campanha de esclarecimento à comunidade, ao estudo e proposição de alternativas agrobiológicas, a estruturação de um grupo ecológico...

se repetirá o índice negativo de 52% à pergunta feita aos egressos da Escola Agrícola Federal - EAF de Concórdia: "a escola proporciona ao técnico visão crítica do ambiente profissional e social?" (AYMY, op. cit., p. 64). O restante se distribui entre 43% de resposta positiva e 5% não opinou.

A segunda perspectiva básica a orientar o papel da Geografia no Currículo da Escola Técnica de 2º Grau é a de contribuir para o bom nível do ensino na área específica da habilitação através da seleção de conteúdos, na direção do interesse do respectivo curso.

A sondagem-diagnóstico permitirá identificar os pontos que eventualmente precisam ser retrabalhados e os que devem ser revisados.

Os programas de ensino da disciplina poderão ser alterados no sentido de incluir, entre os conteúdos programados, alguns dos temas sugeridos a seguir, os quais serão selecionados de acordo com os objetivos estabelecidos para as respectivas séries.

HABILITAÇÕES AGRÍCOLAS, AGROPECUÁRIAS

- A agricultura no Brasil - condições naturais, estrutura fundiária, reforma agrária, comercialização (exportação)
- Estudo comparativo das reformas agrárias na América Latina
- Estudo do solo e sua degradação
- Rural X Urbano - não mais como opostos ou excludentes, mas como um conjunto onde o rural é incorporado ao urbano devido ao processo de urbanização
- As revoluções agrícolas (visão antropológica), a "revolução verde", a herança da nossa agricultura para as gerações futuras
- Agropecuária e tecnologia - a dependência dos países do 3º Mundo
- Agrotóxicos e ecologia
- Estudo comparativo dos sistemas agrícolas
- Fome e produção de alimentos

HABILITAÇÕES COMERCIAIS/INDUSTRIAIS

- Revolução Industrial - marco histórico das transformações provocadas no campo e nas cidades
- Divisão Internacional do Trabalho e o Processo de Industrialização Brasileiro
- Distribuição espacial das indústrias e os desequilíbrios regionais
- Ciência e tecnologia X indústria nacional (investimento e pesquisa)
- Informática e indústria
- Automação X mão-de-obra
- Recursos naturais - exploração (multinacionais), exportação, questão ecológica
- Fontes de Energia - Proálcool e energia nuclear - dois programas polêmicos
- Fontes alternativas de energia e a dependência da pesquisa
- População economicamente ativa e distribuição dos rendimentos, salário mínimo e real valor
- A mulher trabalhadora: jornada dupla e as condições e salário
- As exportações e as importações brasileiras
- A divisão territorial do trabalho, o comércio e fluxo de capitais
- A dívida externa brasileira
- O processo de urbanização brasileiro

Além da utilização de livros-textos de proposta renovadora, é necessário estar permanentemente atualizado, bem como fazer uso de recursos do cotidiano como notícias, reportagens, filmes, documentários, livros...

ALTERNATIVAS PARA A PRÁTICA DOCENTE

É essencial que através do ensino da geografia se contribua para desenvolver as potencialidades dos alunos. Para tanto, deve-se diversificar ao máximo as oportunidades da aprendizagem de contato com a realidade e respectiva análise e interpretação. Talvez a mais importante seja o resgate do **trabalho de campo** como a forma privilegiada de ensinar/aprender geografia.

O estudo do meio permite que questões vivenciadas pelo aluno sejam estudadas através da observação sistematizada, da análise e discussão (fundamentadas na literatura), do estabelecimento de relações e, finalmente, da conclusão, a qual poderá redundar em alternativas de ação junto à própria comunidade.

Assim o aluno perceberá que a aprendizagem da geografia tem sentido porque ajuda a refletir, entender e interpretar melhor o espaço local, cuja realidade está inteiramente ligada a espaços maiores, mais abrangentes e distantes.

A proposta de trabalhar a partir da realidade necessariamente encaminha a prática docente para uma ação conjunta das várias disciplinas do currículo.

Na verdade, no seguimento do real (não importa a escala) estudado não encontramos os limites acadêmicos e científicos presentes na organização das nossas áreas de conhecimento. Cada vez mais encontramos a primeira e a segunda natureza inextrincavelmente interligadas, pela apropriação do espaço pela sociedade.

É certo que a especialização do conhecimento traz profundidade e precisão no estudo das questões. Contudo, a concorrência de mais disciplinas na análise do mesmo objeto traz uma inestimável riqueza no estabelecimento de relações e, em decorrência, ampliação na interpretação, portanto, no conhecimento elaborado a partir da experiência interdisciplinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É do consenso geral que o ensino de Geografia não tem acompanhado, em nível satisfatório, o processo de renovação pelo qual a Ciência Geográfica tem passado.

Também há concordância sobre a necessidade de modificar a prática docente.

Para tanto, os professores devem mobilizar-se, articulando-se com a Universidade e, atra-

vés da função Extensão, poderão desenvolver programas de atualização, especialização... com o objetivo de rever a fundamentação teórico-metodológica da disciplina de Geografia, o que, conseqüentemente, resultará em melhoria da prática docente.

A Geografia tem importante papel a desempenhar no currículo da Escola Técnica de 2º Grau, na perspectiva de contribuir para a formação do "aluno-cidadão e do cidadão-técnico". Desenvolvendo a capacidade de interpretar, de forma crítica, o "seu espaço" (escala próxima), de perceber os encaixes da área da sua habilitação profissional no todo, permitindo que sua visão de mundo não se restrinja à área específica de atuação como técnico. Dessa forma, a disciplina de Geografia contribuirá para a melhoria do nível de ensino, bem como para a consecução dos objetivos e finalidades do Ensino Técnico de 2º Grau.

A Geografia cumprirá corretamente seu papel no currículo da Escola de 2º Grau quando (e se) as inovações introduzidas pelos professores forem significativas, constantes e, sobretudo fruto de uma disposição interna, de um compromisso pessoal.

A operacionalização da interdisciplinaridade em uma escola trará saldos positivos tanto no aspecto acadêmico quanto no social. É positivo no sentido de que evita superposição de conteúdos, otimiza o aprendizado pela possibilidade de sua aplicação em novas e diferentes situações, viabiliza a solução da questão tão presente na escola (especialmente na escola técnica) da teoria x prática e dá mais consistência à ação educativa do corpo docente enquanto grupo de profissionais.

Talvez seja a escola técnica de 2º grau a instância do ensino que apresente melhores condições para que se efetive uma experiência interdisciplinar capaz de contribuir significativamente para anular o distanciamento entre a área técnica e a de Educação Geral e uma ação educativa conjunta.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABREU, H.P. e outros. "Técnico em Agropecuária - agente de mudança ou transferidor de técnicas". Monografia apresentada no Curso de Especialização em Metodologia do Ensino de 2º grau. Universidade de Passo Fundo - RS, dez. 1989.
- AYMY, B.A. e outros. "Paralelo entre técnico formado pela Escola Agrotécnica Federal de Concórdia e o técnico atuante no mercado suinícola da Microrregião". Monografia apresentada no Curso de Especialização em Metodologia do Ensino de 2º Grau. Universidade de Passo Fundo - RS, dez. 1989.
- CORRÊA, R.A. e outros. "Subsídios para revisão da proposta pedagógica da Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, o aprimoramento da capacidade do técnico em agropecuária". Monografia apresentada no Curso de Especialização em Metodologia do Ensino de 2º grau. Universidade de Passo Fundo - RS, nov. 1989.
- FRANCO, M.L.P.B. "Introduzindo a Problemática do ensino agrícola e um pouco de sua história". *Revista Brasileira de Pedagogia*. Brasília 68 (158) 41-64 jan./abril, 1987.
- FRANCO, M.L.P.B. e ZIBAS, A. "Educação - produção: as distorções do sistema". *Educação e Sociedade*. São Paulo: Cortez, nº 29, 1988 (p. 100-121).
- LACOSTE, Y. "A Geografia". *A filosofia das ciências sociais*. F. Châtelet (org.) Cap. V. Rio: Zahar, 1974.
- MORAES, A.C.R. "Renovação da Geografia e Filosofia da Educação". *Para onde vai o ensino da geografia?* A.U. Oliveira (org.). São Paulo: Contexto. 1989 (p. 118 - 124).
- REZENDE, M.S. *A Geografia do aluno trabalhador*. São Paulo: Loyola 1986.
- VESENTINI, J.W. "O método e a praxis". *Terra Livre* 2. São Paulo: AGB/marco Zero, 1987) p.59 - 90).
- _____, "Geografia crítica e ensino". *Para onde vai o ensino da geografia?* A. U. Oliveira (org.) São Paulo: Contexto, 1989 (p. 30-38).
- _____, (org) *Geografia e Ensino*. Campinas: Papyrus, 1989. Material distribuído no 2º Congresso Nacional de Educação Técnica. Belo Horizonte, novembro de 1989.

OBRAS DIDÁTICAS REFERIDAS NO TEXTO

1º GRAU

- ADAS, Melhem. *Geografia: noções básicas de geografia*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- _____. *Geografia: aspectos humanos e naturais de geografia do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1990.
- _____. *Geografia: o Continente Americano*. São Paulo: Moderna, 1985
- _____. *Geografia: a formação do Terceiro Mundo e o Mundo Asiático e Europeu desenvolvido*. São Paulo: Moderna, 1986.
- GONÇALVES, C.W.P e BARBOSA, J.L. *Geografia hoje*. vol. 1: *a Geografia da Natureza*. Rio: Ao Livro Técnico, 1988.
- _____. *Geografia hoje*, vol. 2: *o espaço geográfico da sociedade brasileira*. Rio: Ao Livro Técnico, 1989.
- _____. *Geografia hoje*, vol. 3: *a formação geográfica do mundo contemporâneo*. Rio: Ao Livro Técnico, 1989.
- _____. *Geografia hoje*, vol. 4: *o espaço geográfico das sociedades do mundo*. Rio: Ao Livro Técnico, 1989.

2º GRAU

ADAS, Melhem. *Geografia da América*. São Paulo. Moderna, 1982.

_____. *Panorama Geográfico do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1985.

PEREIRA, D.A., SANTOS, D. e CARVALHO, L.B. *Geografia: Ciência do espaço - o espaço mundial*. São Paulo: Atual, 1987.

_____. *Geografia: Ciência do espaço - o espaço brasileiro*. São Paulo: Atual, 1988.

_____. *Sociedade e espaço: geografia geral e do Brasil*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1988.

VESENTINI, J.W. *Brasil: Sociedade e espaço*. 9 ed. São Paulo: Ática, 1989.